

OLIVEIRA, Mariana Trenche de. Considerações acerca da natureza da captura de uma criança autista pela linguagem. *Revista Intercâmbio*, v.L: 69-81. 2022. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

<https://doi.org/10.23925/2237.759X.2022V50.e58279>

## CONSIDERAÇÕES ACERCA DA NATUREZA DA CAPTURA DE UMA CRIANÇA AUTISTA PELA LINGUAGEM<sup>1</sup>

### REFLECTIONS ON AUTISTIC CHILDREN'S CAPTURE BY LANGUAGE

Mariana Trenche de OLIVEIRA<sup>2</sup>

(Lugar de Vida e Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – LAEL PUC/SP)

[maritrenche@hotmail.com](mailto:maritrenche@hotmail.com)

**RESUMO:** Segundo Maleval (2020), é improvável supor, atualmente, que os autistas estejam fora da linguagem. Certamente eles se deixam capturar pelo Outro, tesouro dos significantes, mas de forma parcial, por meio de uma operação que o autor denominou por “alienação retida”. Neste artigo procurei investigar o modo de relação de uma criança autista à linguagem e discutir possíveis efeitos da interpretação que incidiram sobre as manifestações gestuais, de fala e de escrita determinadas a partir de uma temática recorrente, perseverante, e aparentemente sem sentido. Tal interpretação permitiu movimentar pontos nodais de paralisação da criança no campo da fala e da escuta.

**PALAVRAS-CHAVE:** autismo; alienação; lalíngua; clínica de linguagem; psicanálise

**ABSTRACT:** According to Maleval (2020), it is unlikely to assume, currently, that autistic people dress out of language. Certainly they allow themselves to be captured by the Other, treasure of the signifiers, but partially, through an operation that the author called “retained alienation”. This article sought to investigate the approach of an autistic child to language and discuss possible effects of interpretation on the gestural, speech and writing manifestations determined from a recurrent, persevering, and apparently meaningless theme. Such an interpretation, to move the child's nodal points of paralysis in the field of speech and listening.

**KEY WORDS:** *autism; alienation; lalanguage; language clinic; psychoanalysis*

---

<sup>1</sup> Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Fundação São Paulo sob o número **CAAE:** 38989020.0.0000.5482, sendo realizado apenas após a concordância expressa do participante recrutado e da assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido.

<sup>2</sup> Bolsista pela Capes sob o processo de número 88887.473567/2020-00.

*"Se há alguma coisa que pode nos introduzir à dimensão da escrita como tal, é nos apercebemos de que o significado não tem nada a ver com os ouvidos, mas somente com a leitura do que se ouve de significante. O significado não é aquilo que se ouve. O que se ouve é significante. O significado é efeito do significante"* (Lacan, 2008/1972-1973: 39)

## 1. Introdução

Não é improvável que a retenção da voz nos autistas leve clínicos e pesquisadores à suposição de que eles se constituem fora da linguagem. No entanto, o grande boom de autobiografias de autistas publicadas a partir da década de 1970 parece ter colocado em xeque essa hipótese, na medida que, adolescentes ou adultos, com ou sem apoio terceiros, passaram a dizer muitas coisas sobre si, por meio de narrativas escritas. É justamente por esta razão que Maleval (2017) insiste que tanto as formulações teóricas, como as propostas de tratamento com os autistas, exigem que se leve em conta sua subjetividade, o que inclui privilegiadamente escutar e ler o que dizem sobre seu modo de funcionamento.

O autor destaca o pioneirismo e a originalidade da preciosa descoberta de Robert e Rosine Lefort (2003) acerca da lógica de funcionamento das crianças autistas. A suposição de que elas não teriam, quando bebês, balbuciado, levou estes psicanalistas a hipotetizarem "a ausência da operação de alienação ao Outro como tesouro dos significantes" (Maleval, 2017:11). No entanto, em 2020, Maleval argumenta que os resultados de pesquisas contemporâneas são sugestivas de que os autistas entram na alienação, ainda que de forma parcial, ou seja, ela ocorre, mas de maneira "retida". As vocalizações involuntárias e a língua verbosa, são consideradas pelo autor como exemplos de fenômenos indicativos de que os autistas sofrem o impacto da linguagem.

Lacan (1975/2016) sublinhou que "autismo" não seria um termo satisfatório capaz de demonstrar o peso que as palavras faladas e ouvidas têm para estas pessoas. Durante a Conferência de Genebra sobre o sintoma, um de seus ouvintes, interrogado pela aparente ausência de audição nos autistas, questionou o psicanalista acerca do que permite a abertura da criança para uma ordem simbólica transmitida pela mãe. Lacan (1975/2016) expressou sua impossibilidade em conceber seres que nada ouvem, afirmando que "como o nome indica, os autistas ouvem a si mesmos. Eles ouvem muitas coisas" (1975:30). A despeito do caráter vocal desta audição, o psicanalista adverte que autistas não alucinam, não ouvem vozes, apesar de articular muitas coisas ouvidas. Ele aponta como desafio saber de onde eles ouviram aquilo que articulam.

De toda forma, se ouvem, entretanto, não escutam, o que via de regra pode contribuir para o ensurdecimento do outro que, por efeito, fica aprisionado a uma impossibilidade de escutá-lo, contribuindo para o crescente cultivo do próprio fechamento de sua linguagem. Como afirma Vorcaro, ao prefaciar o livro de Maleval (2017), "não se pode confundir

a dificuldade e a impotência do outro para escutar os autistas com a constatação de que os autistas falam” (Vorcaro in Maleval, 2017: 09). Nossa dificuldade em ouvi-los e em “dar amplitude ao que dizem, não os impede de serem personagens, no fundo, bastante verbosos” (Lacan, 1975: 31). Ainda que haja algo - a perscrutar - na pessoa autista (e, também, na esquizofrênica) que congela, como afirma Lacan (1975), isto não equivale a afirmar que um autista não ouve e não fala. Como afirma o autor, inevitavelmente, a linguagem aflige o ser humano e, por esta razão, é preciso acompanhar o modo como a linguagem emerge na entrada do seu ser. Segundo o psicanalista (2002/1955-1956), apesar do bebê já nascer em mundo organizado simbolicamente, sua captura pela linguagem está subordinada à necessidade de que dela algo se destaque de forma a engancha no *infans* uma significação. No entanto, o autor adverte que nem todo enunciado comporta o “poder de captura” e, por esta razão, sugere investigar o modo como a estrutura da linguagem se engancha no ser vivo.

Neste trabalho, parto da pressuposição de que a orelha fisiológica não coincide com a orelha analítica (Parret, 2002; De Lemos, 1995), na medida em que a primeira remete à capacidade auditiva/orgânica e a segunda diz respeito à relação do sujeito com a linguagem. Escutar implica, como afirma Andrade (2003),

*“um sujeito afetado por uma fala, por um ponto (que não é qualquer) dessa fala à medida em que esse ponto é destacado por uma escuta atravessada por textos em que a criança está significada e significa”* (Andrade, 2003:90).

Com essa dissimetria entre ouvir e escutar, assinalada por Andrade (2003, 2006), pretendo, neste artigo, refletir sobre o que estas crianças podem ouvir da fala do outro, ou seja, dessa modulação contínua e não discretizável em princípio, tão insuportável a ponto de fazê-los tapar seus ouvidos. Faço-o a partir do relato de um atendimento da Clínica de Linguagem<sup>3</sup> de uma menina autista que parece nos fornecer pistas em relação ao que é retido em seu corpo, a partir da sonoridade que a circunda.

Antes de iniciar, no entanto, é preciso dizer algumas palavras acerca do tratamento na Clínica de Linguagem de crianças autistas. Crianças com esta especificidade levantam interrogações acerca do seu encaminhamento para a clínica fonoaudiológica, por se mostrarem resistentes às decisões clínicas usuais, como apontam Oliveira e Lier-De Vitto (2020). De toda forma, sabe-se que essas crianças chegam de fato para esta clínica, pela via de uma queixa própria formulada por seus pais ou pela indicação de profissionais da saúde ou das escolas. Os pais, por

---

<sup>3</sup> Posição clínica inaugurada dentro do Grupo de Pesquisas Aquisição, Patologias e Clínica de Linguagem (pelo CNPq, a partir de 1997, por Lier-De Vitto, M. F., Arantes, L. e pesquisadores)

exemplo, procuram o profissional e se queixam da “ausência da fala” ou de suas “manifestações estranhas”. No entanto, para atender crianças com estes quadros, é crucial, como observam Oliveira e Lier-De Vitto (2020), que o terapeuta tome posição frente à condição subjetiva da criança. Assim faz o Clínico de Linguagem, que para Arantes (2006), “*por uma questão lógica e ética, (...) deve[ria] atender qualquer caso em que um sintoma de linguagem esteja implicado, seja sob a forma de presença ou ausência de fala*” (Arantes, 2006:103).

## 2. O caso

Isadora iniciou o atendimento na Clínica de Linguagem com quase 6 anos e meio, encaminhada pela psicanalista, que notou algumas produções orais sibilantes e outras que lembravam uma sonoridade da língua inglesa. Nas primeiras sessões Isadora não olhava e em certos momentos chegava até a se colocar de costas para mim, mas algumas produções orais compareciam. Pude escutá-las como “socorro”, “*help-me*”. Isadora havia chegado à clínica 2 anos e meio antes, completamente muda e com inúmeras dificuldades de suportar a presença do outro. Ao longo deste primeiro ano de atendimento na Clínica de Linguagem, ainda que fossem pontuais e escassos os momentos em que ela falava, havia repetições de minha fala audíveis, e portanto reconhecíveis, como “maçã” ou “cuidado”. Atualmente são 4 anos de tratamento na Clínica de Linguagem.

A despeito do predomínio de um fazer, um brincar e um desenhar silentes, havia certa teatralidade na reposição das cenas dos contos de fadas. Ela, por exemplo, vê uma maçã na cozinha e ao comê-la, encena, de modo talentoso, um desmaio, que recebo como a simulação do momento em que Branca de Neve come a maçã envenenada. O detalhe expressivo de seu rosto quando do desmaio é carregado de humor e sagacidade.

Meu trabalho foi na trilha de acompanhar e reconhecer seus gestos corporais e sonoros, colocando-os num texto, num fio narrativo, a partir do cruzamento das várias modalidades da linguagem: fala oralizada, desenho, escrita, brincar. Faço registro com desenhos das cenas reproduzidas corporalmente por ela, ou de sua brincadeira. O interesse pelos índios se repete, e ela enfileira bichos de pelúcia em cima de uma mesa. A canção 1, 2, 3 indiozinhos... passa de um cantarolar melodioso e ininteligível para uma articulação audível, que passa também, em sequência, de uma língua a outra. Ela conta: “oito”, “nine”. De minha parte, procuro desenhar a sequência de animais, que ela aprova e complementa com um cocar em cada um. Na sessão seguinte, ela mesma os desenha com detalhes e características específicas de cada animal. Então passa a desenhar os índios com diversas características e

expressões faciais: meninas, meninos, sorriso, meio-sorriso, índios de frente e de perfil, mas todos sem corpo (só cabeça!).

Seu interesse pelos contos de fadas interpretados nos desenhos animados produzidos na Disney reaparece ao buscar, nas sessões, o livro da Bela e da Fera. Ela procura pela vestimenta da Bela, enquanto coloco uma máscara de fera. Dançamos em par, em frente ao espelho, dança saboreada e levada a sério pela garota que se mostra, ao final, muito satisfeita e alegre. A busca pelo figurino e maquiagem para dar seguimento às encenações se repete, com a mudança de temas. Os interesses se ampliam para *Mulan*, *A Dama e o Vagabundo*, *Bambi*, *Mogli*, entre outros.

Em suas produções gráficas, observa-se um desenho cada vez mais minucioso e, também, o aparecimento de palavras escritas. Com o outro pode haver prevalência de silêncio, mas também momentos de ecolalia ou de verborragia, com falas ininterpretáveis e intraduzíveis. Neste caso parece que estou diante de uma estrangeira.

Ocorre, porém, que dentre tantas encenações, há uma que desconheço. É a mais insistente, comparecendo quase em todas as sessões. Como esta foge do meu campo semântico, recorro a seu pai perguntando se ele sabe do que se trata. Ele conta que Isadora está assistindo o "We're going on a Bear Hunt". Trata-se de um vídeo-clipe em que o autor do livro, Michael Rosen, narra a história, página por página. Elas representam a passagem de uma família por diversas paisagens em busca de um urso. O autor descreve a sequência que inclui a reprodução dos movimentos e as onomatopeias que marcam a travessia pelo campo repleto de grama alta, pela lama grossa, pelo rio, pela floresta, pela praia, chegando à caverna e encontrando o urso, quando os personagens perguntam: "What's that?" e respondem surpresos e amedontrados: "It's a bear!". Retornam pelas paisagens até à casa, rapidamente, para se esconderem do urso. Apoiada ao vídeo, esboço os personagens para ela em um papel e escrevo "mulher", "homem", "menino", "menina", e "cachorro". Então ela mesma desenha a cena da menina na caverna, com o cachorro e a lanterna e eu escrevo a narrativa da cena. Peço para ela: vamos escrever o nome? E ela escreve "cachorro".

Nem sempre quando ela desenhava – o que faz com muita frequência – era fácil, para mim, localizar quem eram os personagens. Algumas vezes eu lhe perguntava ingenuamente: "quem é?", mas ficava sem resposta. O pai mostrou sua estratégia para fazê-la nomear o que desenha, desmembrada em duas etapas: a primeira faz função, para ela, de exemplo em relação à forma como o pai espera que ela responda: ele indica o próprio corpo da filha como referente, pergunta e responde, a partir do seu nome (Ou seja, aponta para ela e pergunta: Nome? Então

responde: Isadora!) e a segunda, realizada em seguida, indica o desenho como referente e aguarda sua resposta em relação ao que é (Aponta para o desenho e pergunta: Nome? E aguarda a resposta). Algumas vezes vi ela responder para o pai, mas nem sempre a estratégia garantia uma resposta da criança.

O interesse por este vídeo **"It's a bear"** e seus desdobramentos, como os desenhos ou representações somem e reaparecem. Em meio a um momento de retomada intensa desta temática eu pronuncio **"It's a bear"** de modo lentificado, que soa como **"it-iz-a-bér"**. Mas certo dia, quando lhe solicito que assine o desenho dos personagens desta história com seu nome, ela lhe escreve **"Isabear"**, apesar de sempre assinar outras produções como Isadora. Que a garota já reconhecesse a sonoridade **Isadora** como algo que referisse a si própria era inegável, como testemunhara anteriormente numa festa da instituição ao pegar o microfone do músico dizendo: Boa tarde. Isadora!, apresentando-se. Eu também já havia constatado uma certa relação sonora entre a asserção em inglês e seu nome, mas a homofonia entre a sonoridade do título do desenho ("izabér") e a escrita de seu nome a partir da mesma sonoridade me fez dizer: **Isa urso? Não! Isa moça grande, linda, crescida!**

O que se desenrola na sequência é, em princípio, tanto enigmático, como surpreendente e digno de registro: ela, que estava do lado oposto da mesa, assim que escuta minha fala, olha para mim, abre um largo sorriso, levanta-se e vem na minha direção. Para fazê-lo, dá a volta na mesa e puxa minha cadeira para trás, retirando minhas pernas que estavam debaixo da mesa e posicionando-as de forma a poder sentar-se em meu colo. Vale dizer que ela se senta como um bebê aninhado em meus braços e encosta sua cabeça em meu ombro. Ali permanece por alguns minutos, calada. Todo o seu endereçamento de olhar e de sorriso, e seu protagonismo em minha direção, para ativamente se sentar em meu colo contrasta radicalmente com o modo como se relacionava com os outros desde os primórdios de seu tratamento: ela não suportava a presença das pessoas, ficava isolada e por vezes produzia sequências sonoras estranhas e simultâneas à fala do outro, que pareciam fazer função de barreira. A reação de Isadora, que soou para mim como um agradecimento, foi absolutamente inédita e inesperada. Evidentemente que acolhi seu gesto, sem deixar, no entanto, de ficar perplexa. Que minha fala havia produzido efeitos sobre a criança, isto era óbvio. Mas o acontecimento demandava uma reflexão que pudesse identificar com mais precisão o que poderia ser responsável por estes efeitos.

### 3. Fundamentação Teórica

O caso de Isadora faz lembrar "Vida animada", um livro baseado na autobiografia de Ron (Suskind, 1914), pai de Owen, hoje um autista adulto. Seu testemunho endossa a afirmação de que autistas ouvem e

falam. Trata-se da narrativa acerca do percurso de Owen, desde o momento em que seus pais assistiram perplexos a mudança de um bebê expressivo para um bebê aparentemente desconectado do mundo, até a entrada na vida adulta. Como no caso de muitas crianças, a história de Owen retrata a enigmática interrupção e involução do processo de aquisição da linguagem e constituição subjetiva. No entanto, nessa metamorfose, que culminou com o surgimento de uma criança irreconhecível, os pais puderam observar que o interesse pelos vídeos da Disney era o único elo que ligava um tempo a outro. A perseverança em assistir sempre o mesmo fragmento de uma certa cena foi lida por estes pais como relacionável à nova condição da criança. No filme da Ariel produzido pela Disney, a bruxa havia condicionado a humanização da sereia à perda irrecuperável da própria voz. "Just your voice" ("Apenas a sua voz") diz a bruxa à sereia, e Owen repete, de modo distorcido. A irrupção do pedido da bruxa na fala da criança, a coincidência entre a temática recortada repetidamente do filme e o fechamento autístico do filho intrigam estes pais.

Mais do que escrever uma biografia, Suskind procura, como afirmam Lucero, Vorcaro e Santos (2015) olhar para os autistas, esses sujeitos excluídos da sociedade. As autoras afirmam que "ao contrário da ideia difundida pelos clínicos de que a paixão de seu filho por filmes era uma obsessão redutora a ser eliminada, Suskind encontrou nos desenhos uma via de acesso aos sentimentos de Owen" (Lucero, Vorcaro e Santos 2015: 550). Owen precisou de uma outra voz para dizer sobre a sua angústia.

Bialer (2016) recupera que já mais velho Owen pôde refazer seu percurso pela linguagem e compartilhar que catalogava todos os sons e ritmos das falas para assimilar a musicalidade de sua língua. Na visão de seu pai, o filho primeiramente precisou apreender a dimensão rítmica da língua (cadência e entonação), como um estrangeiro, para então se apropriar dos sentidos. Já a sua comunicação foi garantida "duplificando a voz e o corpo dos personagens" (Bialer, 2016: 112).

Assim, ainda que não escutem, os autistas ouvem, e há algo a se dizer para eles, como atestou Lacan (1953-1954/1986) nas falas de Melaine Klein dirigidas a Dick, seu paciente de 4 anos, descritas no artigo "A importância da formação do símbolo no desenvolvimento do ego" (1981/1930). Menosprezando discussões estéreis, Lacan fez avançar questionamentos fundamentais disparados pela psicanalista infantil, em relação a uma criança para quem o registro do imaginário não pôde ser edificado.

Tudo levava a crer que se tratava de uma criança autista. Lacan (1953-1954/1986) descreve a condição primitiva, indiferente e apática de Dick. Para o autor, a realidade não havia sido simbolizada e apresentava-se em estado puro para a criança. Do ponto de vista da fala, o psicanalista destacou o estoque verbal limitado, a deformação e uso inadequado das palavras, a ausência de tentativas de comunicação



e de demonstração de desejo em ser compreendido, além de um brincar marcado pelo prazer na emissão de sons sem significação de modo distorcido. Entretanto, Lacan (1953-1954/1986) atesta que, embora Dick possuísse apreensão de alguns elementos do aparelho simbólico, ele não os assumia. Ao contrário, brincava com eles de modo a fazer barreira à invasividade do outro.

Lacan (1953-1954/1986) aponta para o fato de que, independentemente da disparatada verbalização do mito do Édipo despejada por Melaine Klein sobre Dick, o que interessa é que ela fez função, produziu efeitos. O mérito da psicanalista infantil foi não ter se paralisado diante de alguém que não lhe respondia, ousando-lhe falar. Ela diz a esta criança - que não lhe responde - os nomes daquilo que era a mais pura e primitiva realidade. Ou seja, a realidade indiscernível é nomeada pela terapeuta para a criança e pela fala algo lhe é transmitido. Com e como efeito, para o autor, as simbolizações introduzidas pela terapeuta propiciaram que o registro do real e do imaginário fossem colocados em posição de equivalência, viabilizando a substituição de objetos uns por outros.

Remeto o leitor, neste ponto, ao trabalho de Lier-De Vitto (1985), que constata a importância dos jogos entre mãe e criança nos tempos iniciais do processo de aquisição da linguagem, chamados como Jogos de Nomeação, em que expressões do tipo "O que é isso" são recorrentes, e Jogos de Reconhecimento do Objeto, nas quais se diz constantemente "Cadê X" (Lier De-Vitto, 1985: 49).

Lacan (1953-1954/1986) dirá, no entanto, que o registro do imaginário só poderá se consolidar pelo exercício da palavra verdadeira. A palavra verdadeira será caracterizada por Lacan (1981/1955-1956) a partir do modo como a palavra do Outro é recebida pelo *infans*. Se invocante, ela pode ou não ser recolhida como uma homenagem, como uma missão. Se determinativa, a palavra se restringe a um simples anúncio ou constatação, condenando o sujeito a não ser nada além do que um objeto. No primeiro caso, o Outro de onde a fala vem é considerado, antes de mais nada, como o lugar (heterogêneo) em que a fala se constitui. É dele que o sujeito receberá uma fala estruturada, que se alicerça naquilo que Heidegger (1993/1927) concebeu como palavra fundadora, uma espécie de palavra que, ao ser endereçada ao sujeito-a-advir, funciona como transmissão de um mandato, de uma delegação. Assim, além da nomeação da realidade, a transmissão da dimensão simbólica só se efetiva no âmbito da afetação do ser humano. Neste sentido, é preciso que uma fala tenha poder de captura e que o *infans* possa admiti-la e assumi-la, reconhecendo-se nela. Ou seja, trata-se de uma fala capaz de empenhar o *infans* por meio da antecipação de sua condição de sujeito e de falante.



#### 4. Discussão

Entre Owen e Isadora, nos deparamos com semelhanças em relação ao fechamento autístico, ao silêncio alternado com falas de difícil interpretação e ao uso da cena e da voz que os acompanha como um recurso para comunicar o atordoamento resultante da ameaça de sequestro do corpo pela linguagem. Ambos também nos ajudam a lembrar que precisam de um outro que suporte seus silêncios e suas exaustivas repetições de gestos sonoros, corporais e gráficos, para que se chegue a uma produção partilhável. Mas também é preciso indicar a diferença entre os casos. Owen usa o vídeo para dizer "just your voice", e Isadora, já reconhecendo que a sonoridade "Isa" lhe concerne, parece buscar no vídeo algo que lhe dê consistência, em resposta ao "What's that?". Ela identifica seu nome ao "It's a", à expressão em inglês que corresponde ao nosso dêitico "Isto é". Nesta medida, parece que a própria criança ficou presa à expressão usada para a nomeação dos objetos, e não a um uso do nome próprio para identificar um sujeito.

O que Isadora, que muitas vezes não responde, pode ouvir, é uma questão para refletir. Fato é que, de um lado, a sonoridade de seu nome é reconhecida como algo que lhe diz respeito e, de outro, ela perseverava em reproduzir as cenas, a registrar graficamente e até a repetir as falas oriundas do vídeo. Poderíamos atribuir à Isadora um esforço ativo em buscar algo que lhe desse uma ancoragem imaginária para tal sonoridade, a qual reconhece que lhe concerne?

Assim, é possível afirmar que uma expressão como "Itzabér" figurava, para a criança, como uma sequência indiscernível, na qual não se podia destacar as partes do todo. A relação entre o inglês "It's a..." ("Itza") e "Isa" aponta para o equívoco homofônico entre o próprio nome e a expressão indicativa de uma coisa, ou seja, o referente/dêitico + verbo cópula. "Bear" está no prolongamento, contiguamente, como substantivo: Isa (It's a)- Bear. A mera tradução de "Itzabér" para o português "Istoéumurso", não tendo nenhuma relação com a criança, provalmente não pudesse também ser escutada por ela como algo que lhe concerne. Desta forma, minha fala corta, separa e distingue a sonoridade "Itza" como nome próprio, intraduzível, e não como expressão anônima. Além disto, traduz "bear" para "urso". Esta tradução não é o mesmo que a passagem indistinta de uma língua à outra na fala da criança, como na seriação numérica "oito, nine", mas já é uma substituição por equivalência, que dá à frase um novo estatuto.

No passo seguinte, retomo sua expressão e sobreponho a ela uma negação "Isa Urso? Não!" apagando a equivalência entre Isa - um nome próprio - e Urso, - um nome comum. Na sequência, a fala mostra a língua em movimento, em uma estrutura, em uma cadeia, na qual o nome e seu substantivo equivalente se fixam e o atributo se torna variável: articula-se seu nome/apelido a uma série de atributos, substituíveis uns pelos outros, não fixos. Com isto, rasura-se "bear" e

“urso”, adjetivos não humanos, para lançar um novo substantivo (moça) e novos adjetivos (grande, linda, crescida), desta vez, humanizantes, como se pode ver na sequência abaixo:

It's a Bear  
Isa Bear?  
Isa Urso?  
Não!  
Isa Menina Grande  
Linda  
Crescida

A negação e a rasura parecem abrir a possibilidade de que a criança se reconheça, agora, a partir de nova uma frase. Frase que se abre para uma nova dimensão, uma vez que viabiliza uma terceira posição na cadeia, na qual os elementos podem ser variados, e, portanto, franqueados<sup>4</sup>.

É preciso sublinhar, neste sentido, que se trata de uma interpretação que põe acento sobre o valor linguístico resultante do enunciado enquanto cadeia significativa e não sobre signos delimitados de antemão. Importa, assim, que o gesto da criança de se aninhar em meu colo foi determinado por um “efeito de linguagem” (Lacan, 2008/1972-1973): 130). Aninhar-se, como um filhote humano, faz supor que o efeito sobre ela é mesmo o de humanização – efeito de subjetivação de um nome próprio a partir do que antes era uma frase indeterminada.

## 5. Conclusão

Neste artigo, procurei localizar a diferença entre o que a paciente parecia capturar como sinal físico acústico relacionável a ela e sua identificação ao traço linguístico significativo. Assim, parece que Isadora, inicialmente, recolhia traços da sonoridade da fala do Outro a partir de um ponto nodal equívoco, qual seja, o de “Isa” como nome e como “It's a”, passível de ser traduzido para “Isto é”. Este enigma de língua paralisava a criança entre ser um “Bear” (“Izabér”) ou ser Isa (Dora), ou seja, entre a afirmação de seu ser sem significação, um “Eu sou”, e as indagações sobre seu ser a partir das perguntas “Quem sou? Um urso?”.

---

<sup>4</sup> Pretendo, futuramente e a partir dos dados, discutir a distinção, conforme formulada por Benveniste (1966), entre a frase verbal - de verbo de existência - e a frase nominal. Para o autor a frase nominal é aquela que estabelece equivalência (...) entre dois elementos nominais” (Benveniste, 1966: 181), afirmando uma “qualidade” como própria do sujeito do enunciado, mas cujo caráter é o de ser intemporal, impessoal, fora da subjetividade do locutor, e que reduz o termo apenas ao seu conteúdo semântico. Já a asserção verbal é aquela capaz de introduzir no enunciado todas as determinações verbais e o situar em relação ao locutor, ou melhor, de particularizar a expressão.

A expressão “lalíngua” foi criada por Lacan para indicar o registro que, segundo Milner (1987) consagra toda língua ao equívoco, o que faz com que uma locução seja ela mesma e, igualmente, uma outra. Seus efeitos, segundo Lacan (2008/1973-1974) são afetos que atingem o ser humano.

Vale dizer que a discretização sonora e a distinção interpretativa parecem ter ajudado a paciente a se localizar a partir de uma distância, ou seja, a partir da localização da diferença entre a articulação da frase “it’s a bear” e o nome da frase “Isabear”. Supõe-se, assim, que ela pôde discernir ao que ela, sem saber, estava suspensa, podendo receber do Outro uma função verbal que vai bem mais além de um referente fixo e sígnico.

É fato que Isadora não deixou de ser autista, mas cada vez mais pode fazer usufruto de sua fala como forma de estar no laço social. Suas encenações persistem, mas agora, permeadas por falas significativas, uma vez que já incluem a própria criança, tanto quanto o outro. Em certas sessões ela pega um fantoche de Bruxa e diz: “A bruxa”, imitando, na sequência, sua risada debochada e tirânica “aha-ha-ha”. Em frente ao espelho diz: “espelho, espelho meu...”. Em outras sessões, ela procura obstinadamente pelo vídeo da Branca de Neve e canta sua canção *I’m wishing*<sup>5</sup>, cuja tradução da letra reproduzo aqui <<Quer saber um segredo? (...) nós estamos perto de um poço dos desejos. Faça um desejo dentro do poço (...) e se você ouvir o eco, seu desejo vai se realizar logo>>. Leio a letra traduzida para ela, e vou tecendo comentários, enquanto ela escuta, sorri e diz: “Princesa Isadora”. Confirmo seu título nobre, e continuo a leitura: <<Eu estou desejando (...), para que quem eu amo, me encontrar, hoje, eu estou esperando e sonhando com as coisas lindas que **ele** dirá>><sup>6</sup> (grifo meu). Então pergunto: “Ele?”, “Quem é ele Isa?” e ela responde “Príncipe”. Insisto: “E quem será este príncipe”? Então ela responde: “Príncipe Daniel”<sup>7</sup>. Daniel é o nome de um menino que entrou recentemente em seu grupo terapêutico e a quem Isadora não só procura, como convida para a encenação, ofertando-lhe um chapéu. Mais uma vez sou pega de surpresa e solto uma grande gargalhada. Isadora gargalha junto. Em uma outra sessão ainda, ela pede “vestido Branca de Neve” para se fantasiar e “maçã” para simular a cena do envenenamento de Branca de Neve pela Bruxa. Então ensaia o desmaio e aguarda o desfecho... mas nada acontecendo ela se prontifica a chamar pelo nome, em alto e bom som, o ator que falta para a cena do beijo: “Príncipe Daniel!”.

---

<sup>5</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=54QeNL5ih6A>

<sup>6</sup> <https://m.letras.mus.br/branca-de-neve-e-os-sete-anoes>

<sup>7</sup> Nome fictício

Para finalizar, recupero aqui o termo “alienação retida” de Maleval (2020), uma denominação oportuna para caracterizar a maneira como o autista se aliena à linguagem. No caso de Isadora, observa-se, inicialmente, a alienação ao nome como um retalho do tecido da linguagem ao qual ela se faz representar, incorporado, mas “retido”, não desmembrado, impedido de ser compartilhado.

Os acontecimentos clínicos deste caso, neste sentido, parecem ensinar que uma clínica com autistas só pode ser sustentada desde que se ultrapasse o ouvir enquanto mecanismo fisiológico a favor de uma leitura que convoque o sujeito a ser habitante da linguagem. Nesse procedimento, remontar à modulação indistinta do que foi ouvido para deslocá-la, escutando, parece ser a operação de leitura que funciona para engajar o sujeito. Segmentando-a, desdobrando-a e brincando com ela pode-se, talvez, dilatar na linguagem do autista sua dimensão simbólica, significante e significativa.

### **Referências bibliográficas**

ANDRADE, L. Ouvir e escutar na construção da Clínica de Linguagem. Tese de doutorado (inérita). LAEL-PUCSP, 2003.

ANDRADE, L. ‘Captacão’ ou ‘captura’ – considerações sobre a relação do sujeito à fala. In: LIER-DEVITTO, M.F.; ARANTES, L. (Orgs) Aquisição, patologias e clínica de linguagem. São Paulo: EDUC/FAPESP, 2006.

ARANTES, L.M.G. Impasses relativos ao encaminhamento de crianças que não falam. In: Pavone, S & Rafaeli, Y (Org.). *Audição, voz e linguagem*. São Paulo, SP: Editora Cortez, 2006.

BENVENISTE, E. Problemas de Linguística Geral, I. Campinas: Pontes, 2005/1966.

BIALER, M. Das Narrativas de Sofrimento ao “Artismo” no Espectro do Autismo: discurso de pais de autistas, discurso de especialistas e discurso de autistas 1ª. ed – Curitiba, PR, CRV, 2016.

CHURCHILL, F. I’m Wishing (Composição) A Branca de Neve e os Sete anões (cantada por CASELOTTi, A.) Disney, 1938.

Heiddeger, M. Ser e Tempo. Trad. Márcia de Sá Cavalcante Vol I. Petrópolis, Editora Vozes, 1993/1927.

KLEIN, M. A importância da formação dos símbolos no desenvolvimento do Ego. In: *Contribuições à psicanálise*. Editora Mestre Jou, SP, 1981/1930.

OLIVEIRA, Mariana Trenche de. Considerações acerca da natureza da captura de uma criança autista pela linguagem. *Revista Intercâmbio*, v.L: 69-81. 2022. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

LACAN, J. Seminário 1: Os escritos técnicos de Freud. Jorge Zahar, RJ, 1986/1953-1954.

LACAN, J. Seminário 3: As Psicoses. Jorge Zahar, RJ, 1988/1955.

LACAN, J. Seminário 20: Mais, ainda. Jorge Zahar, 2ª. edição RJ, 1985/1972-1973.

LACAN, J. Lacan in North America. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2016. (Trabalho original publicado sob título de *Conférences nord-américaines* pela revista *Scilicet* em 1976).

LACAN, J. Conferências em Genebra sobre el sintoma. In *Intervenciones y textos2* (2ª. ed. Pp 115-144). Buenos Aires: Manantial, 1991. (Trabalho original publicado em 4 de outubro de 1975).

LEFORT, ROSINE, e ROBERT A distinção do autismo. Paris: Seuil, 2003.

LEMOS, C. T. G. Corpo e Linguagem. In: Filho, L. C. U. J. (Org.). *Corpo e Mente: uma fronteira móvel*. Casa do Psicólogo, São Paulo, 1995.

LUCERO, A., VORCARO, A. M. R., & SANTOS, J. L. G. Novas pesquisas sobre o autismo. *Estilos Da Clínica*, 20 (3), 549-555, 2015.

MALEVAL, Jean-Claude. *O autista e a sua voz*. Trad. P. S. de Souza Jr. São Paulo: Blucher, 2017/2009.

MALEVAL, Jean-Claude. Sobre a alienação retida no autista. *Arq. bras. psicol.* [online]. vol.72, n.1, pp. 8-24, 2020.

MILNER, Jean Claude *O amor da língua*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2020/1987.

OLIVEIRA, M.T. e LIER DE-VITTO, M.F. Ecolalia e Hiperlexia em Crianças com Entraves Estruturais In Pesaro, M., Kupfer, M.C. e Davini, J. (Org) *Práticas Inclusivas II: desafios para a aprendizagem do aluno-sujeito*. São Paulo: Escuta/Fapesp, 2020.

PARRET, H. *La voix et son temps*. Bruxelas: De Boeck & Larcier, 2002.

Recebido em 22/11/2021  
Aprovado em 20/05/2022